

## INÉRCIA

Editora Multifoco  
Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.  
Av. Mem de Sá, 126 – Lapa  
Rio de Janeiro – RJ  
CEP 22.230-152

CAPA  
Luiza Romar

DIAGRAMAÇÃO  
Renato Tomaz

REVISÃO  
Milena Pereira Silva

Inércia– 1ª Edição  
Julho de 2009  
ALMEIDA, Marcos Vinícius  
ISBN: 978-85-60620-67-8

Todos os direitos reservados.  
É proibida a reprodução deste livro  
com fins comerciais sem prévia autorização  
do autor e da Editora Multifoco.

# Inércia

Marcos Vinícius Almeida



Rio de Janeiro, 2009



*Ao Morris cuja amizade, estímulo e apoio – mesmo longe, tiraram esse livro da gaveta. À minha família, pela paciência e suporte nos momentos difíceis.*



“Todo corpo permanece em seu estado de repouso ou de movimento retilíneo e uniforme, a menos que seja obrigado a mudar seu estado por forças impressas a ele.”

(Isaac Newton)



Agora, preste a colocar a mochila nas costas, de banho tomado e bem alimentado, pronto para ir à faculdade – o celular toca. Quem pode ser? O número é desconhecido. Apanho o telefone com certa curiosidade:

– Alô?

– Juan...

Meu coração dispara. As pernas hesitam. Com dois passos para trás sento-me na cama.

– Lúcia?

– Sim. Tudo bem?

– Tudo e você?

Ela suspira. A voz está tensa.

– Mais ou menos... Tenho que lhe dizer uma coisa.

Não poderia ser só saudade ou algo semelhante.

– Sim, pode dizer...

– Olha, nem sei por onde começar...

Parece conter um choro.

– Você está me deixando preocupado, Lúcia... O que aconteceu?

– Eu...

Então, ela chora. Fico mais apreensivo ainda. Talvez tenha perdido o emprego. Ou esteja passando por problemas financeiros.

Não soube mais de sua vida depois que ela foi embora dessa casa. Não soube de quase nada depois que terminamos há mais ou menos quatro meses. Teria morrido alguém?

– O que aconteceu, Lúcia?

Ela hesita. Ouço sua respiração do outro lado.

– Estou grávida, Juan.

– Grávida?

– Sim. Acabei de pegar o resultado do exame de sangue. Deu positivo. Não sei o que fazer...

Ela chora. Eu tento manter a calma. Tento pensar em alguma coisa. Mas minha cabeça é uma confusão só. Estou cego. Surdo. E totalmente surpreendido.

– Fique calma.

– O que eu faço? Não posso ter essa criança agora...

Já pensa em aborto.

– Mas o que você está pensando em fazer?

– Eu não sei... Me ajuda...

– Vou te pergunta uma coisa, mas não me leve a mal. Você tem certeza que o filho é meu?

– Eu não acredito que você está dizendo isso... Eu não acredito...

– Coloque-se no meu lugar, por favor... Já tem um tempo que gente está terminado, eu preciso saber.

– É claro que é seu. Nossa... não me diz umas coisas dessas...

E começa a chorar do outro lado da linha. Grávida. Depois de tudo que havia acontecido, ela está grávida...

Levanto-me da cama. Lúcia dorme profundamente. Acendo a luz da cozinha. Uma música abafada invade nossa casa. Todo sábado é a mesma coisa. Encho um copo com café. Acendo um cigarro. Dou um longo trago. Observo a fumaça. Não penso em nada específico. Mas algo não está certo. Imagino um monte de coisas. Pessoas dançando no clube lá fora. Outro trago no cigarro. Mais um gole de café. Não estou com fome. Nem com sono. Nenhum filme que valha a pena na televisão. Estou com uma vontade tremenda de transar. Mas não com Lúcia. Talvez não apenas com Lúcia. É difícil de explicar. Realmente não sei delimitar um motivo específico. Bebo o resto do café. Dou um trago em meu cigarro novamente. Mas dessa vez prendo-o nos lábios. Caminho para dentro do banheiro. Fecho a porta com extremo cuidado. Não quero que Lúcia acorde. Levanto a tampa do vaso bem devagar. Abaixo minha calça até os pés. Jogo o bira de cigarro na água transparente da privada.guardo por um momento. A mesma música abafada. Com o coração disparado sinto-me cometendo um crime. Uma espécie de estupro. Evito o espelho. Fico imaginado um monte de coisas ao mesmo tempo. Os músculos do corpo contraídos. Uma angústia absurda na mão. Ouvidos atentos. Mas a cena se esgota numa chuveirada espessa. Liquefeita. No papel higiênico. Na descarga.

Nas mãos muito bem lavadas. Nesse outro cigarro na minha boca. No olhar solitário que lanço da porta do quarto. Lúcia continua dormindo. Um choro abstrato. Ando agora da cozinha para sala. Da sala para cozinha. Fumo um cigarro depois do outro. Mas nada preenche esse vazio. Lúcia dorme profundamente. Queria chorar de verdade. Mas não posso. Vou do quarto para sala. Da sala para a cozinha. De novo para o quarto. Agora estou deitado ao lado de Lúcia. Ela me abraça. Sinto o cheiro doce do seu cabelo. Olho para ela. Estou de novo na cozinha. Fumando. Pensando num monte de coisas. Não consigo dormir. O dia está claro. Lúcia está acordada. Tomamos café juntos. Almoçamos juntos. Assistimos televisão juntos. Mas Lúcia está novamente dormindo. Levanto-me da cama. E como em um carrossel tudo se repete. Uma engrenagem subterrânea me leva de um lado para outro. Só não sei como chegamos a esse ponto. Um ponto atrás do outro. Um ponto cego. Eis os fatos. Mas terei de dizer a ela mais cedo ou mais tarde. De toda forma só me restam duas opções: falar exatamente o que penso ou simplesmente deixar a coisa morrer por si mesma. Em todos os dois casos saio como canalha apesar de toda minha boa educação. Não há saída. Desta vez não. Fizemos o segundo grau juntos. Ela sentava-se ao meu lado. Exceto quando estávamos brigados. Coisa frequente entre adolescentes. Como se eu tivesse me transformado num homem em apenas seis anos. Os homens trabalham. Possuem o próprio sustento. Ainda não sou um homem. Não que isso me incomode tanto assim. Não me falta nada. Pelo menos não para subsistir. Bebida. Cigarro. Temos televisão. Quando a mãe de Lúcia separou-se do marido eu quase sempre dormia por lá. Ficava assistindo televisão e Lúcia dormindo. Quando eu dizia que ia embora ela não deixava. Mesmo dormindo ela apossava-se de mim. Quer meu corpo sustentando sua inconsciência. Não compreendia aquilo, mas aceitava. Continuo não compreendendo, mas agora não aceito. Nem rejeito. Apenas indiferença. Sou de fato um canalha.

Lúcia sempre foi à melhor coisa que aconteceu em minha vida. Por isso essa situação é tremendamente insuportável. Num dia você acorda e a pessoa que você mais ama não passa de um

estranho que dorme na sua cama. A casa está sempre em ordem. Impecável. Solene. Panelas limpas. Chão cheiroso. Banheiro limpo. Parece *casa* mesmo, me disse um amigo. Ganhamos uma estante de madeira pura, que cobre metade de uma parede da sala. Junto dos meus livros estão os anjinhos dela. Lado a lado, mas distantes. Também dividimos o guarda-roupa. Aqui é meu. Aqui é seu. E as tarefas. Eu lavo a escada. Você varre a casa. Tudo organizado. Calculado. Planejado. Dividido. Fez-me trazer o computador para o nosso quarto, porque a televisão (a novela na verdade) fica no quarto, mesmo sabendo que isso a atrapalharia dormir. Ela me chama para deitar. Falo que vou levar o computador para o outro quarto amanhã. Ela não aceita. Onde está a lógica disso? Só queria que ela dormisse sem que eu a incomodasse. E eu prefiro fazer meus trabalhos a noite. O estranho sou eu: é o que ela pensa. Na verdade é o que *todos* pensam.

E como poderiam pensar de outra forma? Não sei, obviamente. Sei de poucas coisas, coisas miúdas, mínimas, minúsculas, talvez microscópicas. Repetir as palavras de um professor em uma prova, por exemplo. É simples de fazer. Cada professor tem um vício de raciocínio muito fácil de apropriar-se. Todas as pessoas têm, é verdade. Mas os professores falam o tempo todo, em círculos, tagarelam. Vão e voltam. Repetem. Revisam. Chateiam. Com o mínimo de atenção as palavras grudam na cabeça da gente. Como uma mensagem subliminar de filme americano. Refrão de canção que a gente não gosta. Propaganda de televisão. *Slogan* de partido político. Mesmo que nada daquilo que falem faça um sentido real. Para mim, quero dizer. Mesmo que fique tudo pelo casco. Aresta. Superfície. Mesmo que seja só lado de fora. O mecanismo todo, adivinhar exatamente o que querem, não é uma tarefa lá muito pesada. Exceto quando o sujeito não fala muita coisa, mas aí parafraseamos os textos e tudo se acerta.

O fim de semana é isso. Lúcia na televisão e eu parafraseando um texto de algum filósofo. Às vezes bebemos. Coisa muito rara de acontecer. Quase nunca. Umás duas vezes – talvez. Mas quando

isso acontece o ambiente fica mais morno. Fazemos amor, conversamos algumas coisas e dormimos. Falta de criatividade? Desleixo? Não sei. Poderia muito bem fazer coisas ridículas. Como um jantar surpresa. Deixar um cartão dentro de sua gaveta de calcinhas. Uma flor sobre o travesseiro. Comprar presentes que lhe agradassem. Mas não adiantaria lá muita coisa. Não seria ético. Do jeito que as coisas estão seria um ato imoral, pelo menos para mim. Não sou muito bom em fingir esse tipo de coisa. Definitivamente é impossível fingir esse tipo de coisa. Falar que tudo está bem. tocar a vida. Pagar as contas e comer uma pizza de vez em quando. As coisas têm de ser de verdade. Sem máscaras. Sem adornos. Eufemismos. Vernizes. Romântico? Talvez. Se ser romântico for almejar coisas sem resina, talvez até demais.

Mas o fato é que sempre fui o tipo de cara que idealizou as mulheres. Não posso negar isso. Mesmo contra minha vontade. Na verdade, eu sempre tive uma mulher dentro da cabeça. Um modelo. Um arquétipo. Um rascunho muito bem trabalhado que venho corrigindo ao longo da vida. Será que todos os homens são assim? Será que todos os homens, ficam talhando uma mulher sem rosto, com ancas e joelhos abstratos, e que depois, no meio da rua, em um bar, no serviço, nas aulas, nas rodoviárias, na fila do banco ou do supermercado, enfim, por toda parte, fica com aquela figura fantasmagórica condicionando a direção de seu olhar? Não sei. Não sei mesmo. Contudo, esse processo sempre foi muito claro para mim. Mas não é por isso que estamos desse jeito. Ela ali deitada. Quieta. A luz azul da televisão pintando as paredes. E eu aqui. Sem camisa. O cinzeiro cheio. No computador, parafraseando Leibniz. Não há outra mulher mais assentada na minha forma psicológica. Lúcia ainda é meu número. *A mulher perfeita*, diriam alguns.

Mas teve a Tati. Há uns cinco anos mais ou menos. Era o comentário da cidade na época, a Tati: neta da D. Josina que tinha mudado de BH para Luminárias. Lembro perfeitamente da cena. Eu ali de frente do bar do meu pai, quando ela apontou na esquina, acompanhada de duas amigas da cidade mesmo. Sempre tive

queda por mulher do cabelo curto. Ainda mais morena, com corpo certinho. A Tati era gata demais. Os homens estavam todos loucos por ela, as meninas morrendo de inveja. Ela veio descendo devagar, displicente. E eu movendo os olhos conforme seus pés. Vestia um *top* não lembro a cor e uma saia preta com *all star* combinando. Os cabelos bem curtos. O pescoço e a barriga expostos. A pele morena e um sorriso iluminado. Era impossível não grudar os olhos nela. Quase uma ofensa. Um pecado, na verdade. Porque ao seu redor tudo era cenário. O poste. A praça ao fundo. O gol com a tampa de trás levantada. Trilha sonora. O meu pai de trás do balcão. Minha mãe na cozinha do bar fazendo sanduíche. Figurantes. Coadjuvantes, apenas.

– Puta merda... Nossa senhora – disse Lucas.

– Então é essa que é a Tati... – falei antes de beber um gole de cerveja.

– Você não tinha visto ela ainda não, Juan? Gata demais, não é não?

– Demais é pouco... Mas não é coisa para o nosso bico. Vai ficar com um *playboyzinho* igual a todas as outras... – adverti em um tom profético.

– Pois é... mas para de olhar que as meninas estão voltando do banheiro.

Lúcia se move de repente. Parece ter acordado. Vai me chamar para deitar mais uma vez. Mas não chama. Ao invés disso levanta-se da cama. Agora ajeita os cabelos, depois calça os chinelos e por fim sai do quarto. Foi beber água. Sei disso porque escuto seus barulhos. O som do copo sobre a pia indica seu retorno. Entra no quarto. Pára atrás de mim. Sinto seus braços e mãos ao redor do meu corpo, e sobre meu corpo. O nariz sugando meu cheiro próximo à pele. Os lábios no meu pescoço.

– Vem deitar anjinho... Já é tarde. Amanhã você termina isso aí.

– Estou sem sono.

– Deita que logo o sono vem...

Mas eu sei que não vem.

- Depois eu vou.
- Então tá, mas não demora não.

Absorvo seu beijo sem fechar os olhos. Ela deita-se na cama.

- Posso desligar a televisão?
- Pode – eu respondo sem virar-me na sua direção.

O quarto se cala. Fica esse zumbido do computador, o ruído das teclas quando eu as aperto e mais nada. Os sons que vêm da rua ficam mais próximos. Um carro que passa com música alta. Uma ou outra risada embriagada. E mais nada. O clube já está fechado. Nenhum boteco aberto com certeza. Acendo meu penúltimo cigarro. Apanho o copo vazio e vou até a cozinha. Mas descubro que não tem mais café na garrafa. Merda. É melhor tentar dormir. Mesmo que não consiga. Então volto para o quarto e desligo o computador. Agora sento na beira da cama para terminar o cigarro.

Não demorou muito e a Tati começou a namorar um *playboyzinho*. Filho de dono de pedreira. Cara boa pinta, que usava roupa de marca e tinha carro. A vida é muito engraçada. Surpreendente: quando óbvia.

A primeira vez que eu falei com ela... Eu falei, porque ela só ouviu. Se é que ela ouviu. Se é que ela notou: o cara bêbado tentando puxar conversa. Um fiasco. Ridículo. Fora a bebida, não sei por que fiz aquilo. Talvez por causa dos pulos que ela dava. Dos cabelos pequenos subindo e descendo atrás da nuca. A boca gritando no meio da torcida. As mãos atarracadas na grade azul que vibrava feito um diapasão. Pulos. Gritos. Mãos. Boca. E uma roupa marrom, se não me engano. Ou era só a blusa? Não importa. A grade era azul, tenho certeza. Mas o que foi mesmo que eu disse? Uma merda qualquer. Uma merda de improviso – o que é pior. Sei com certeza que o mês era setembro. Sei disso porque era a tradicional competição que tinha na escola: Verde – Amarelo. Tinha todo tipo de coisa. Futebol. Gincana. Etc. Mas o melhor, não era a competição por si mesma. Mentira. Às vezes, a gente quase saía no tapa dentro de quadra. Mas além da disputa. Além da rinha. Da cisão patriótica que separava os alunos. Todo mundo estava lá: o ginásio lotava.

Uma semana de festa. Mas não lembro de que lado estava. Do lado verde, ou lado amarelo. Acho que era amarelo. Ou seria verde? E isso realmente não importa. Afinal de contas, a roupa dela era marrom e eu estava bêbado.

O negócio é que eu vim passando e me deparei com aquilo. Tati: a neta da D. Josina. A moça de BH. A “cabelinho curto”, como o povo a chamava. Ali. Pulos. Gritos. Cabelo e as mãos presas na grade. Eu estava brigado com Lúcia – certamente. Por isso estava bêbedo – talvez. Tomando cachaça com uns caras desconhecidos, no bar, de frente do ginásio de esportes. O que foi que eu disse afinal de contas? Deve ter sido um disparate gigantesco. Porém, antes de abrir a boca, eu armei uma cena; meti as mãos na grade, e fiquei torcendo com a maior cara-de-pau do mundo. Dando uma de João-sem-braço com as mãos atarracadas na grade. Que coisa, não?... Estupidez sem tamanho. Queria me comunicar na linguagem dos cangurus? Dos berros? Imbecil. Nem sabia o que acontecia dentro da quadra. Alguma prova da gincana, provavelmente. Mas tinha outra menina. Que também pulava e gritava. Estavam juntas, disso eu me lembro. E essa outra eu conhecia. Uma menina que estudava com a Lúcia. E que depois estudou comigo. E que engravidou. Depois casou. E foi embora de Luminárias. Mas naquele momento, estavam apenas juntas. Marina e Tati. E o imbecil embriagado, à espreita – tentando se aproximar sem ser notado.

– Nossa Senhora, Juan – disse Marina de repente. Meio que achando graça, mas esnobando ao mesmo tempo. Mais esnobando do que achando graça, diga-se de passagem. Com os olhos muito claros. Contornados pelo cabelo muito loiro e esticado. A pele muito branca. Pele de ovelha, na verdade. Um *top* de bandeira do Brasil. E sobre tudo isso, e os gritos que vinham de toda parte. As bandeiras que giravam pelo ar. Sobre tudo isso. As mãos de sinhazinha de Marina subiam e desciam na frente do rosto.

– Que bafão de cachaça... – e depois disso, riu.

E eu? Eu ri também. Estava bêbado – excelente desculpa. Mas enquanto acompanhava o movimento de sua mão, olhei de soslaio

para Tati. Ela pareceu não ter ouvido nada. E se ouviu, pelo menos não expressou qualquer reação. E afinal, era ela que importava. Foi então que fiz a asneira de abrir a boca. Mas antes me debrucei sobre a grade, para me aproximar, entrando um pouco na frente de Marina que estava entre nós. Disse a merda esquecida – por fim.

Ela? Ela não disse nada. Pelo menos não em palavras. Ou ignorou absolutamente o que eu havia falado – o que eu acho pouco provável – ou simplesmente não ouviu: o que é impossível. Até um surdo poderia me ouvir, depois de seis doses de pinga. E pela cara que ela fez, ela ouviu. Uma cara de incompreensão. Mais ou menos: “Quem é esse idiota?”. Foi, exatamente, o que olhar dela indagou a Marina, que em resposta, apresentou-me numa única frase:

– É o Juan, namorado da Lúcia.

E depois disso, eu saí: não lembro para que lado.

– Amor...

– Hum?...

– Vem deitar...

– Já vou... Estou só terminando o cigarro.

Ela está me esperando.

– Vem, benzinho... Já são cinco e meia.

Coloco o bira no cinzeiro. Agora deito ao seu lado. Ela me apanha rapidamente para si. Sinto o calor de seu corpo e não ofereço resistência.

– Agora eu perdi o sono também...

– Por quê? – eu pergunto.

– Ah, à toa... – e me beija no rosto.

Eu fecho os olhos. Mesmo sem sono. Fico em silêncio tentando inutilmente lembrar o que havia dito a Tati. E Lúcia começa a se mover. Beija meu peito, depois o pescoço, agora a orelha. Eu permaneço imóvel, mas também resisto, pelo menos no plano psicológico. Deixo-a prosseguir. Sei onde isso vai dar. Mas não devo contrariá-la. Então entro na farsa contra minha vontade.